

ÉTICA E ESTÉTICA NO ROMANCE JÚLIA OU A NOVA HELOÍSA DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU

*ETHIC AND AESTHETIC IN THE NOVEL JULIE OR THE NEW HELOISE BY JEAN-
JACQUES ROUSSEAU*

João Vitor Rebechi¹

Resumo: Em 1761, o filósofo Jean-Jacques Rousseau publicou o romance epistolar *Júlia ou a nova Heloísa*, cujo principal tema é a virtude. Não obstante, ainda na primeira parte do romance, a personagem Saint-Preux propõe um método de estudos para a personagem Júlia, que consiste em cultivar o espírito por meio de uma singular educação moral e, sobretudo, estética. Entretanto, diferentemente dos outros escritos de Rousseau, é na *Nova Heloísa* que ele desdobra os conceitos de belo e de bom nos conceitos de muito belo e de muito bom, que são fundamentais para a concepção estética e moral do filósofo, assim como para a organização interna do romance. Este artigo tem por objetivo, portanto, circunscrever, no romance, um aspecto da estética de Rousseau, destacando sua ligação com a moral.

Palavras-chave: Belo. Bom. Muito Belo. Muito Bom. Estética. Romance.

Abstract: In 1761, the philosopher Jean-Jacques Rousseau published the epistolary novel *Julie or the new Heloise*, which the main theme is virtue. In the first part of the novel, the character Saint-Preux proposes a study method for the character Julie, which consists of cultivating the spirit through a singular moral and, mainly, aesthetical education. However, different than Rousseau's other writings, it is in *The new Heloise* that he develops the concepts of beautiful and good in the concepts of very beautiful and very good, which are important to the philosopher's aesthetic and moral conception, as well as to the internal organization of the novel. This article aims, therefore, to circumscribe, in the novel, an aspect of Rousseau's aesthetics, highlighting its connection with morals.

Keywords: Beautiful. Good. Very beautiful. Very good. Aesthetic. Novel.

* * *

Em 1756, o filósofo Jean-Jacques Rousseau deixou a cidade de Paris e se instalou no Ermitage. Foi neste lugar próximo à natureza que o filósofo genebrino começou a

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Bolsista CAPES. E-mail: joaovitor_rebechi@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-7975-437>

escrever duas de suas principais obras filosóficas com personagens ficcionais: *Júlia ou a nova Heloísa*, publicado em 1761, e *Emílio ou da educação*, publicado em 1762².

O romance epistolar *A nova Heloísa* remonta à tradição das heroínas românticas inaugurada pela correspondência de Heloísa e Abelardo, datadas do século XII. De acordo com Hans Robert Jauss, a história de Abelardo e Heloísa ressurgiu na Europa em 1697, em uma tradução de Bussy-Rabutin depois de ser refundida mais de vinte e cinco vezes com outras histórias. Ainda que a veracidade da versão de Bussy-Rabutin seja duvidosa, a maneira como ela foi composta fascinou os leitores do século XVIII mais do que as tradicionais histórias de amor³. Outra história de amor que fez muito sucesso naquela época foi o romance epistolar *Clarissa ou a história de uma jovem* de Samuel Richardson, publicado em 1748 na Inglaterra e traduzido posteriormente para o francês à maneira do Abade Prévost, que, segundo Diderot, omitiu algumas partes do texto original⁴. No entanto, de acordo com François Jost, Rousseau não teria lido o romance de Richardson⁵.

Conforme diz Rousseau nas *Confissões*⁶, o que faz da *Nova Heloísa* uma obra única é a simplicidade da trama, que se concentra entorno de poucas personagens, e a enorme complexidade com que os temas são abordados. Essa simplicidade da trama remontaria à novela antiga, em que o cenário, a duração, as personagens e a trama eram simples. Contudo, o romance *Júlia ou a nova Heloísa* não é uma novela, mas um romance filosófico extenso, ao modo épico, em que Rousseau desdobra longamente e com profundidade as efetuações ou manifestações dos conceitos de amor e de virtude junto à intimidade das personagens. Eis a inovação de Rousseau: apresentar grandes temas filosóficos junto a vida íntima das personagens. Resumidamente, Saint-Preux é um jovem plebeu que aceitara ser o preceptor da nobre Júlia d'Etange, mas, involuntariamente, ambos acabaram se apaixonando a primeira troca de olhares. Entretanto, de acordo com os costumes do Antigo Regime, a união entre uma nobre e um plebeu é contra as convenções. Este é o primeiro obstáculo que está posto desde as primeiras linhas do romance.

² *A nova Heloísa* e *Emílio* não se deixam reduzir facilmente e, portanto, são difíceis de serem classificados, seja como filosofia ou literatura; porém *Emílio* é particularmente difícil, tal como ressalta Laurence Mall Cf. MALL, Laurence. *Émile ou les figures de la fiction*, Oxford, The Voltaire Foundation : 2002, p.15.

³ Cf. JAUSS, Hans Robert. *Pour une herméneutique littéraire*, Paris: Éditions Gallimard, 1982, p. 281.

⁴ Cf. DIDEROT, D. *Elogio a Richardson*. São Paulo: Perspectiva, 2000, p. 21.

⁵ “Rousseau não pôde ler a *Primeira Clarissa*, a verdadeira *Clarissa*. Por outro lado, esta não é a *genitrix* da Segunda *Clarissa*, a de Prévost: ela foi apenas a *nutrix*, por assim dizer. JOST, François. “Richardson Rousseau et le roman épistolaire”. In: *Cahiers de l'association internationale des études françaises*, 1977, n° 29, p.180, “tradução nossa”.

⁶ Cf. ROUSSEAU, J.-J. *Confissões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018, p.514.

Na Carta VI da primeira parte da *Nova Heloísa*, Júlia escreve à Clara. Clara é a inseparável prima de Júlia, ambas são sinceras e estão sempre unidas, nada acontece com uma sem que a outra não saiba. Clara é a amiga em quem Júlia pode confiar e deixar manifestar todos os sentimentos de seu coração. Como destaca Starobinski, as primas constituem o núcleo de transparência do romance que irá se ampliar cada vez mais⁷. Ainda na carta VI, Clara está distante de Júlia porque sua governanta, Chaillot, que a criara, depois do falecimento de sua mãe, morrera. Chaillot fora:

pouco prudente - diz Júlia, porque - fazia, sem necessidade, as mais levianas confidências, e nos falava sem cessar das máximas da galanteria, das aventuras de sua juventude, das artimanhas dos homens, se não nos ensinava a armá-las, pelo menos instruía-nos sobre mil outras coisas que as jovens poderiam perfeitamente ignorar.⁸

Assim, embora jovens e inexperientes no amor, as primas conheciam os matizes das paixões e da galanteria, pois do contrário Júlia não reconheceria os primeiros sinais do amor de Saint-Preux e, não podendo combatê-lo, se entregaria a esse amor de pronto. No entanto, ainda que elas conheçam a potencialidade negativa das paixões amorosas, a galanteria e as aventuras romanescas, elas sabem amar? Na Carta VII, quando da ocasião de morte de Chaillot, Clara diz o seguinte à Júlia: “Conhecemos bastante bem seus sinais e seus efeitos [das paixões], falta-nos somente a arte de reprimi-las. Deus queira que teu jovem filósofo [Saint-Preux] conheça melhor do que nós essa arte.” (Rousseau, 1994, p.55). O amor entre Júlia e Saint-Preux deve ser reprimido porque se trata de um amor socialmente inconveniente. Todavia, no último livro de *Emílio ou da educação*, quando o aluno se apaixona, Rousseau diz que é chegada a hora de Emílio aprender a vencer a si mesmo. Se o amor entre Emílio e Sophia, que não fere a moral social, também deve ser vencido pela força da virtude, então, todo o amor deve se submeter à virtude? Se é assim, existe uma “arte” para reprimir as paixões?

A resposta para o problema moral enunciado por Clara aparece na Carta XII, da primeira parte, a qual é objeto de análise e de demonstração para Colas Duflo. Segundo

⁷ “‘Se bem imagino os corações de Julie e de Claire, eles eram transparentes um para o outro’. O tema das ‘duas encantadoras amigas’ (dado do qual a imaginação romanesca de Rousseau tirou seu impulso) constitui, por assim dizer, a zona de transparência central em torno da qual virá pouco a pouco cristalizar-se uma ‘sociedade muito íntima’. Os indícios disso nos são dados desde as primeiras páginas do livro: esses nomes simbólicos Claire e de Clarens, esse lago tomado como cenário (‘Eu precisava, entretanto, de um lado’).” STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau a transparência e o obstáculo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.117.

⁸ ROUSSEAU, J.J. *Júlia, ou, a Nova Heloísa*. São Paulo: Editora de Humanismo, Ciência e tecnologia HUCITEC em coedição com a Universidade Estadual de Campinas UNICAMP, 1994.p.54.

o especialista, no romance de Rousseau, existe um conflito entre o discurso narrativo, aquele ligado à fruição estética, e o discurso argumentativo, ligado a um outro tipo de operação mental. Para Duflo, os elementos que tornam essa carta, à princípio narrativa, em uma carta dissertativa são: a abundância de máximas gerais; frases gnômicas, ou seja, máximas ou sentenças; uma narração extradiegética, isto é, quando não é a personagem quem narra a história; preceitos absolutos; uma virada impessoal do texto; mandamentos universais; um “nós” universal; citações eruditas; adversários indeterminados; questões retóricas; marcas de disputas argumentativas; conectores lógicos e a reivindicação da verdade⁹. Nas palavras de Duflo:

Todas essas marcas da dissertação são sinais que advertem o leitor de uma mudança no pacto da comunicação; uma nova atitude é requisitada da sua parte, uma competência específica. Ele não lê mais simplesmente as *Cartas de dois amantes, habitantes de uma cidadezinha ao pé dos Alpes* na espera de saber mais sobre sua intriga sentimental. O amante ficcional [Saint-Preux] torna-se dissertador e se endereça a uma dissertadora [Júlia], igualmente. Essa operação, que altera a função do personagem redator da carta, muda, assim, a percepção que o leitor tem. [...] O leitor é chamado a deixar a atitude puramente estética, para o benefício do exercício do julgamento lógico.¹⁰

Com efeito, trata-se de uma carta expressamente dissertativa, na qual Saint-Preux propõe, na condição de preceptor e de filósofo, um método de estudos para Júlia. No entanto, isso impede a fruição estética do romance? Além disso, em que consiste o método de estudos proposto por Saint-Preux? O método consiste em não sobrecarregar Júlia com diferentes assuntos, pois, sabendo pouco sobre muitas coisas de forma rasa, sua erudição serviria apenas para ser ostentada aos olhos alheios. Sobre isso, Rousseau, na figura do editor em uma nota de rodapé, critica a postura do filósofo estoico Sêneca em relação ao saber: “É assim que pensava o próprio Sêneca. *Se me dessem, diz ele, a ciência com a condição de não mostrá-la, não a quereria*. Sublime filosofia, eis o teu uso”. (Rousseau, 1994, p.66). Portanto, eliminada essa hipótese de instrução, que tem por objetivo alimentar a vaidade, o preceptor descreve melhor o seu verdadeiro método:

Ler pouco e meditar muito nossas leituras ou, o que é a mesma coisa, delas falar muito entre nós é o meio de bem digeri-las. Penso que quando, finalmente, temos o entendimento aberto pelo hábito de refletir

⁹ Cf. DUFLO, Colas. *Les aventures de Sophie. La philosophie dans Le Roman au XVIII siècle*. Paris: CNRS Éditions, 2013, p. 51-3.

¹⁰ DUFLO, Colas. *Les aventures de Sophie. La philosophie dans Le Roman au XVIII siècle*. Paris: CNRS Éditions, 2013, p. 55-6, “tradução nossa”.

é sempre melhor encontrar por si mesmo as coisas que encontraríamos nos livros: é o verdadeiro segredo de bem moldá-las à própria cabeça e de se apropriar delas. Enquanto, recebendo-as tais como são dadas é sempre sob uma forma que não é a nossa.¹¹

Como o conhecimento deve ser cultivado para alimentar o espírito, Saint-Preux acredita que é preciso se dedicar a poucos textos e os desdobrar até o máximo possível. Ao delimitar e se aprofundar em uma reflexão o entendimento começa a operar. Com a faculdade do entendimento ativa, o indivíduo deve ser capaz de refletir por si mesmo e encontrar as respostas que buscaria nos livros. Assim, o indivíduo aprende a raciocinar, a se apropriar do conhecimento e a dar para ele uma forma subjetiva. Contudo, Saint-Preux admite que esse método seria danoso para algumas pessoas que têm “a cabeça mal feita”¹², isto é, aquelas pessoas que não desenvolveram suficientemente suas faculdades mentais¹³. Em seguida, diz Saint-Preux: “Recomendo-vos [Júlia] exatamente o contrário, a vós que colocais em vossas leituras mais do que nelas encontrais e cujo espírito ativo faz sobre o livro um outro livro, às vezes melhor do que o primeiro.” (Rousseau, 1994, p.66). Em suma, o procedimento de estudos sugerido por Saint-Preux consiste em: primeiro, delimitar as fontes textuais para buscar um conhecimento que possa nutrir o espírito e não alimentar a vaidade; segundo, desdobrar esse conhecimento até o limite; terceiro, fazer com que o entendimento comece a operar por meio das meditações e dos desdobramentos sobre um assunto; quarto, quando o entendimento se tornar uma atividade, o indivíduo deve dar uma forma particular para esse saber.

Em seguida Rousseau, por meio da personagem de Saint-Preux, diz: “Assim que se quer voltar-se a si mesmo cada um sente o que é o bem, cada um discerne o que é o belo; não temos a necessidade que nos ensinem a conhecer nem um nem o outro e não nos iludimos a menos que nós queiramos.” (Rousseau, 1961, p.58, “tradução nossa”). O belo e o bom são sentimentos naturais gravados no coração humano. Contudo, este trecho aguça uma questão, a saber: se essa carta tinha por objetivo estabelecer um método de estudos e vinha falando sobre como é possível aprender a raciocinar, por que Saint-Preux adentra o âmbito estético e ético ao invocar o “belo” e o “bem”? Em outras palavras, qual a ligação entre o conhecimento, a estética e a moral? Relacionando os campos ético e estético, a personagem Saint-Preux diz o seguinte:

¹¹ ROUSSEAU, J.-J. *Júlia, ou, A Nova Heloísa*. São Paulo: Editora de Humanismo, Ciência e tecnologia HUCITEC em coedição com a Universidade Estadual de Campinas UNICAMP, 1994, p.66.

¹² Cf. *Ibidem*.

¹³ Tema que será desenvolvido nos primeiros livros de *Emílio ou da educação*.

Sempre acreditei que o bom não era senão o belo posto em ação, que um estava intimamente ligado ao outro e que ambos tinham uma fonte comum na natureza bem ordenada. Resulta dessa ideia que o gosto se aperfeiçoa pelos mesmos meios que a sabedoria e que uma alma bem marcada pelos encantos da virtude deve proporcionalmente ser também sensível a todos os outros tipos de belezas.¹⁴

O belo e o bom estão ligados. Assim, quando algo belo exprime movimento, é colocado em situação, ele se torna bom; do mesmo modo, quando uma boa ação pode ser captada em um instante, como em um quadro, dela também se poderá dizer que é bela. O belo romance, a bela música ou o belo quadro são sempre bons, porque partilham todos dos mesmos princípios da natureza, é nesse sentido que o bom é o belo posto em ação. De certa forma, essa proximidade entre o belo e bom remonta aos filósofos clássicos e também está presente nas *Vidas dos homens Ilustres*, pois, segundo Plutarco, para Catão as vidas dos sábios fornecem exemplos belos e bons a serem seguidos.

Dizia também [Catão] que os sábios aprendiam e aproveitavam mais dos loucos, o que não faziam os loucos dos sábios, porque os sábios viam as faltas dos loucos, procuravam se preservar para não cair, enquanto os loucos não se aperfeiçoam nunca em imitar os belos e os bons atos que fazem os sábios.¹⁵

De volta à *Nova Heloísa*, segundo Saint-Preux, o belo e o bom brotam da natureza, porém, como é possível que disso resulte que a sabedoria e o gosto possam ser cultivados pelos mesmos meios? Aquele que é sensível à beleza também deve ser sensível à virtude? Em *O sobrinho de Rameau*, Diderot, por meio do diálogo entre a personagem do Sobrinho e da personagem do Filósofo, parece questionar essa afirmação de Rousseau. Para o Sobrinho, a virtude não pertence ao campo sensível, mas à esfera dos conhecimentos abstratos. Nesse sentido, o Sobrinho é sensível à arte da música, mas não sente os efeitos da virtude.

[Filósofo] Como é possível que com tato tão fino, com uma tão grande sensibilidade para a beleza da arte musical, vós sejais tão cego para as belas coisas na moral, tão insensível aos encantos da virtude? [Sobrinho] É aparentemente porque há para elas um sentido que eu não tenho, uma fibra que não me foi dada de modo algum, uma fibra frouxa que não adianta beliscar e que não vibra; ou talvez porque sempre vivi

¹⁴ROUSSEAU, J.-J. *Júlia, ou, A Nova Heloísa*. São Paulo: Editora de Humanismo, Ciência e tecnologia HUCITEC em coedição com a Universidade Estadual de Campinas UNICAMP, 1994, p.67.

¹⁵ PLUTARCO. *As vidas dos homens ilustres*. Terceiro tomo. São Paulo: Editora das Américas, 1954, p. 406.

com bons músicos e pessoas más; daí aconteceu que o meu ouvido se tornou muito fino, e que o meu coração se tornou muito surdo.¹⁶

O Sobrinho é insensível aos encantos da moral porque lhe falta uma “fibra”, em outras palavras, falta-lhe um tipo específico de sensibilidade para este tipo de beleza, que não é igual à sensibilidade que ele tem para a música. Ao contemplar uma boa ação, o sobrinho não sente seus efeitos; ou ainda, porque ele nunca teve belos e bons exemplos para seguir ele acabou se tornando indiferente às coisas morais. A figura de Jean-Philippe Rameau é descrita pela personagem do Sobrinho como um homem de gênio; porém, como um péssimo cidadão, pois, só se importando consigo mesmo, ele nunca está preocupado com o bem-estar social. Nas palavras do Sobrinho: “[Rameau] Pensa somente em si; o resto do universo é como se não existisse. [...] [Os homens de gênio] Não sabem o que é ser cidadão, pai, mãe, irmão. Cá entre nós, é preciso assemelhar-se a eles em todos os pontos; mas não desejar que a semente seja comum.” (Diderot, 2006, p.46-7). Se os seres excepcionais, isto é, os gênios, são bons apenas em uma coisa e, por conseguinte, não são bons cidadãos, então, é preciso ter homens de gênio para os avanços das ciências e das artes, mas não é necessário que todos os outros concidadãos imitem as suas ações, pois estas visam apenas o bem-estar próprio.

De volta ao filósofo genebrino, diferentemente dos outros textos em que Rousseau aborda questões estéticas, como, por exemplo, no primeiro *Discurso*, no prefácio de *Narciso*, na *Carta a d’Alembert* ou mesmo no *Emílio*, é na *Nova Heloísa* que o filósofo ousa desdobrar os conceitos de belo e de bom nos conceitos de muito belo e de muito bom. Por meio da personagem Saint-Preux, Rousseau acrescenta, com originalidade, novos elementos estéticos à sua filosofia. Nesse sentido, ainda na Carta XII, Saint-Preux diz:

Mas, os exemplos do muito bom e do muito belo são mais raros e menos conhecidos, é preciso ir procura-los longe de nós. A vaidade, medindo as forças da natureza pela nossa fraqueza, faz-nos considerar quiméricas as qualidades que não sentimos em nós mesmos; a preguiça e o vício apoiam-se nessa pretensa impossibilidade e o que não se vê todos os dias o homem fraco assegura que não vê nunca. É este erro que é preciso destruir. São estes grandes objetos que é preciso habituar-se a sentir e a ver a fim de retirar de si qualquer pretexto para não imitá-los. A alma eleva-se, à força de considera-los procuramos nos tornar

¹⁶ DIDEROT, Denis. *O sobrinho de Rameau*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p.127.

semelhantes a eles e não suportamos mais nada de medíocre sem um desgosto mortal.¹⁷

Ora, qual a diferença entre o belo e o bom e o muito belo e o muito bom? Assinalar esta distinção é fundamental, pois diferentemente do bom e do belo, o muito bom e o muito belo não estão gravados no coração de toda a humanidade de modo inato, ao contrário, são mais raros e menos conhecidos. Isto porque a preguiça e o vício acentuam o preconceito da vaidade, assegurando que aquilo que o indivíduo não vê todos os dias, em si mesmo e no mundo, não pode existir jamais, é deste modo que o ser humano se resigna em sua fraqueza e em sua pequenez. Para que o indivíduo aprenda a praticar grandiosas virtudes é preciso que ele se submeta, por assim dizer, a uma singular educação moral e estética, cujo objetivo primeiro é o de destruir o preconceito de que não existe nada de muito bom e de muito belo no mundo que possa ser imitado. O indivíduo deve progressivamente habituar-se a objetos cada vez mais grandiosos, pois ao contemplar o muito bom e o muito belo, o esforço que a alma realiza para considerar esses objetos grandiosos faz com que ela se eleve, se expanda, se fortalecendo-se cada vez mais. Deste modo, aquilo que o indivíduo estava habituado, pois via cotidianamente, passa a ser tido como algo medíocre e insuportável.

Se é possível educar o gosto e a sabedoria pelos mesmos meios, se se pode encontrar o belo e o bom ao voltar-se a si mesmo ou, ainda melhor, se o muito bom e o muito belo podem ser cultivados, então, conclui Saint-Preux:

Não vamos procurar nos livros princípios e regras que encontramos com maior segurança dentro de nós. Abandonemos todas essas vãs disputas dos filósofos sobre a felicidade e sobre a virtude, [...] proponhamo-nos antes grandes exemplos a serem imitados do que vãos sistemas a seguir.¹⁸

Em seguida, Saint-Preux dá mais um passo em seu método de estudos, pois se aquele que é sensível à beleza da virtude também é sensível a todas as outras belezas e se essa educação tem como princípio a contemplação de objetos muito belos e muito bons, então, é necessário que o indivíduo aprenda a exercitar sua sensibilidade. Assim, Rousseau adentra ainda mais o campo da educação estética.

¹⁷ ROUSSEAU, J.-J. *Júlia, ou, A Nova Heloisa*. São Paulo: Editora de Humanismo, Ciência e tecnologia HUCITEC em coedição com a Universidade Estadual de Campinas UNICAMP, 1994, p.66-7.

¹⁸ *Ibidem*.

Podemos exercitar-nos para ver como para sentir, ou antes, uma vista refinada é apenas um sentimento delicado e fino. É assim que um pintor, diante do aspecto de uma bela paisagem ou diante de um belo quadro, extasia-se com coisas que nem são notadas por um espectador comum. [...] O gosto é, de algum modo, o microscópio do julgamento, é ele que coloca os pequenos objetos ao seu alcance, e suas operações começam onde se detêm as do último. Que é necessário então para cultivá-lo? Exercitar-se para ver assim como para sentir e para julgar o belo por inspeção como o bom por sentimento.¹⁹

Exercitar os sentidos é fundamental para a formação ética e estética das personagens na *Nova Heloísa*, como também o será para a formação de Emílio. Segundo Rousseau, que se expressa por meio da carta de Saint-Preux, é possível exercitar o sentido da visão e cultivar o gosto para que eles se tornem delicados e finos como os de um pintor. Não se trata, portanto, do olhar desavisado que nem ao menos sabe o que deve contemplar. O indivíduo que quer se instruir esteticamente, à medida que observa algo, compara objetos e julga se o objeto contemplado é apenas belo e bom ou muito belo e muito bom. Progressivamente, aquele que exercita sua visão e seu gosto pode fruir de uma paisagem ou um de quadro e sentir um efeito de enternecimento em seu coração sensível como um espectador comum não conseguiria. Aprendendo a ver e a julgar as coisas com liberdade, como é próprio do gosto, o efeito de enternecimento que a coisa produz no indivíduo pode fazer, por conseguinte, com que o próprio indivíduo queira elevar sua alma até a grandiosidade deste objeto e se assemelhar a ele. É assim que se diferenciam o espectador que cultivou o juízo de gosto do espectador comum. Deste modo, a educação estética que propõe Rousseau corrobora para aperfeiçoar o gosto, isto é, essa disposição do espírito para pronunciar um ajuizamento sobre um objeto estético.

Nesse sentido, a estética que propõe Rousseau pode ser considerada moderna? Se o gosto está ligado ao julgamento, como é possível cultivá-lo? Ademais, se no romance *A nova Heloísa* Rousseau, primeiro, escreve por meio de dissertações filosóficas e depois coloca a teoria em cena, como o muito belo e o muito bom aparecem na *Nova Heloísa*? Na Carta XXIII da primeira parte, Saint-Preux apresenta como é possível para uma alma sensível contemplar o muito belo e o muito bom na natureza de Vevai²⁰. Nas palavras de Cassirer, Rousseau “redescobre” a natureza:

¹⁹ ROUSSEAU, J.-J. *Júlia, ou, A Nova Heloísa*. São Paulo: Editora de Humanismo, Ciência e tecnologia HUCITEC em coedição com a Universidade Estadual de Campinas UNICAMP, 1994, p.67.

²⁰ “Para o habitante do Ermitage, Vevay não apenas exerce a sedução dos lugares afastados no tempo e no espaço, mas, ‘lugar natal de minha pobre mamãe’, essa localidade convida a imaginar a adolescência daquela que mais tarde se tornou a sra. de Warens. [...] Além disso, essa fantasia retrospectiva se implanta

Quando o espírito lógico matemática dos séculos XVII e XVIII transformou a natureza num mero mecanismo, Rousseau redescobre a alma da natureza. Ao formalismo e ao esquematismo abstrato do sistema da natureza, tal como nos chega no *Systeme de la nature* de Holbach, Rousseau contrapõe o seu amplo sentimento da natureza. Através dele, encontra o caminho de volta à realidade da natureza, à sua abundância de vida e de formas. O homem só consegue entender essa abundância de formas entregando-se de imediato a ela. Desse modo, a passividade, o repouso nas milhares de impressões que a natureza nos presenteia sem cessar, torna-se a fonte do verdadeiro prazer e da verdadeira compreensão.²¹

Todavia, a fim de exercitar o sentido da visão e apurar o gosto, não é necessário permanecer em uma postura de “passividade” ou de “repouso” em meio à natureza como diz Cassirer. Quando o sujeito contempla novas paisagens, a natureza se apresenta a ele de uma forma intensa, que o instiga a julgar e a comparar os objetos que ele tem diante de si em relação àqueles que ele mantinha guardado na faculdade da memória, pois acreditava que estes eram muito belos e muito bons; ou ainda, se as paisagens pelas quais o espectador caminha forem muito diversas, ele também poderá compara e julgar as abundantes formas da natureza entre si em um único passeio. Nesse sentido, na *Profissão de fé do vigário saboiano*, Rousseau distingue o “perceber” do “julgar”.

Perceber é sentir; comparar é julgar; julgar e sentir não são a mesma coisa. Pela sensação, os objetos oferecem-se a mim separados, isolados, tais como existem na natureza; pela comparação, movimento-os, transporto-os, por assim dizer, coloco-os uns sobre os outros para julgar sua diferença ou sua semelhança e geralmente toda as suas relações. A meu ver, a faculdade distintiva do ser ativo ou inteligente é poder dar um sentido à palavras é. [...] Esse ser passivo sentirá cada objeto separadamente, ou até sentirá o objeto total formado pelos dois; não tendo, porém, nenhuma força para dobrá-los um sobre o outro, nunca comparará, não julgará.²²

Segundo o que está escrito na *Profissão de fé*, a percepção está ligada à faculdade dos sentidos e é diferente da comparação, que antecede o julgamento. A sensação oferece objetos separados para os indivíduos, é ao compará-los que se pode notar as diferenças e as igualdades entre os objetos. Para Rousseau, o ser humano é passivo quando sente os objetos externos ao eu, quando ele é afetado por sensações sem que queira, e ativo quando

em um cenário capaz de satisfazer a exigência de realidade cotidiana, pela qual o público, instruído por Richardson, doravante tomou gosto.” STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau a transparência e o obstáculo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.465-6.

²¹ CASSIRER, Ernst. *A questão Jean-Jacques Rousseau*. São Paulo: Editora Unesp, 1999, p. 102.

²² ROUSSEAU, J.-J. *Emílio, ou, da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 379.

“dobra” um objeto sobre o outro para poder compará-los e julgar as suas características. Entretanto, a *Profissão de fé do vigário saboiano*, inscrita no livro IV do *Emílio*, não se inicia com o discurso do vigário, mas com uma descrição da paisagem dos Alpes. Antes da dissertação filosófica, Rousseau cria uma imagem para ilustrar e convencer melhor o leitor dos argumentos que virão a seguir²³. Como nota Starobinski a “paisagem fala em primeiro lugar”²⁴. Isto porque Rousseau compreende que não basta apenas dissertações filosóficas para convencer o leitor, mas também é necessário imagens e personagens em situação. Assim, a retórica de Rousseau é composta de imagens e dissertações filosóficas.

De volta à *Nova Heloísa*, depois do primeiro beijo entre os amantes no bosquezinho de Clarens, Saint-Preux, obedecendo à promessa que havia feito à Júlia, de lhe confiar o seu destino, faz uma viagem à Vevai, como ela lhe havia ordenado. Na Carta XXIII, Saint-Preux descreve que, à medida que se afastava da paisagem cotidiana que experimentava em Clarens e em Etange, ao percorrer a paisagem do país de Vaud, ele percebia uma enorme variedade na natureza que lhe era inteiramente nova; fora ali que ele pôde sentir o belo e o bom, por inspeção interna, e julgar o muito belo e o muito bom, nas diferentes formas da natureza.

Eu partira, triste com meus pesares e consolado por vossa alegria, o que me mantinha num certo estado de langor que não deixou de ter seu encanto para um coração sensível. [...] Queria devanear e era sempre distraído por algum espetáculo inesperado. Ora imensas rochas pendiam em ruínas acima de minha cabeça. Ora altas e ruidosas cascatas inundavam-me com sua espeça névoa. Ora uma torrente eterna abria ao meu redor um abismo cuja profundidade os olhos ousavam sondar. Algumas vezes perdia-me na obscuridade de um bosque espesso. Algumas vezes, ao sair do abismo, um agradável prado alegrava de repente o olhar. Uma mistura espantosa de natureza selvagem e de natureza cultivada mostrava por toda parte a mão dos homens onde teríamos pensado que eles nunca estivessem penetrado. [...] A leste, as flores da primavera, ao sul os frutos do outono, ao norte os gelos do inverno: ela reunia todas as estações no mesmo instante.

²³ “Estávamos no verão e levantamo-nos ao nascer do dia. Ele me levou para fora da cidade, para o alto de uma colina elevada, sob a qual passava o Pó, cujo curso se via através das férteis margens que ele banha; ao longe, a imensa cadeia dos Alpes coroa a paisagem; os raios do sol nascente já iluminavam as planícies e, projetando sobre os campos em longas sombras as árvores, os outeiros e as casas, adornavam de mil acidentes de luz o mais belo quadro que o olho humano podia contemplar. Dir-se-ia que a natureza nos exibia toda a sua magnificência para com ela oferecer o tema às nossas conversas. Foi ali que, depois de ter por algum tempo contemplado aqueles objetos em silêncio, o homem de paz falou-me assim:”. ROUSSEAU, J.-J. *Emílio, ou, Da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, p.376.

²⁴ “Quando o Vigário Saboiano fala a Jean-Jacques, tudo já foi revelado pela paisagem que contemplou pelo alto da colina. [...] a paisagem falou em primeiro lugar: a palavra do homem de paz não *demonstrará* nada que já não tenha se *mostrado* na contemplação silenciosa que precede seu discurso.” STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau a transparência e o obstáculo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.199-200.

[...] Acrescentai a tudo isso as ilusões de ótica, os cumes dos montes diferentemente iluminados, o claro-escuro do sol e das sombras e todas as variações luminosas que delas resultavam pela manhã e à noite. [...] Admirava o domínio que têm sobre nossas mais vivas paixões os seres mais insensíveis e desprezava a filosofia por não poder provocar na alma a mesma coisa que uma série de objetos inanimados. [...] Com efeito, é uma impressão geral que experimentam todos os homens, embora nem todos o observem, que sobre as altas montanhas, onde o ar é puro e sutil, sentimos em nós a respiração mais fácil, o corpo mais leve, maior serenidade de espírito; os prazeres lá são menos ardentes, as paixões mais moderadas. As meditações tomam não sei que caráter grande e sublime, proporcional aos objetos que nos impressionam, não sei que volúpia tranquila que não tem de acre e de sensual. Parece que, elevando-nos acima da morada dos homens, lá deixamos todos os sentimentos baixos e terrestres e que, à medida que nos aproximamos das regiões etéreas, a alma adquire alguma coisa de sua inalterável pureza. [...] Imaginai a variedade, a grandeza, a beleza de mil surpreendentes espetáculos, o prazer de somente ver ao seu redor objetos absolutamente novos. [...] Enfim, o espetáculo tem um não sei quê de mágico, de sobrenatural, que arrebatava o espírito e os sentidos: esquece-se tudo, esquece-se a si mesmo, não se sabe mais onde se está.”²⁵

No início da caminhada pelas paisagens de Vevai, o jovem amante se sente triste e imagina que Júlia estivesse feliz por ele ter partido. Entretanto, as imagens que Saint-Preux descreve nessa carta à Júlia, as altas montanhas, as imensas rochas, as ruidosas cascatas, as torrentes gigantescas, os abismos profundos e os bosques espessos, suscitam no espírito do leitor a ideia de uma natureza viva, pulsante, dinâmica, infinitamente poderosa. Em meio a esse “espetáculo” que “arrebatava o espírito e os sentidos”, Saint-Preux provavelmente experimentou um efeito forte sobre suas faculdades mentais que fez com que elas operassem no limite, pois ele diz que seu raciocínio tomou um “não sei que caráter grande e sublime” que afastou tudo o que era sensual e o aproximou das ideias puras. Por meio de Saint-Preux, Rousseau ousa dizer ainda que o efeito estético experimentado em meio a natureza é mais forte do que o efeito causado pela filosofia. Ao fim dessa longa caminhada, depois de ter passado pelas mais diversas paisagens, Saint-Preux descreve um certo tipo de efeito que pode remeter ao efeito catártico, pois as diferentes e imensas formas da natureza, segundo Saint-Preux, tornaram suas paixões menos ardentes e ele pôde retomar a pureza gravada em seu coração. Ademais, os efeitos

²⁵ ROUSSEAU, J.-J. *Júlia, ou, A Nova Heloisa*. São Paulo: Editora de Humanismo, Ciência e tecnologia HUCITEC em coedição com a Universidade Estadual de Campinas UNICAMP, 1994, p.81-4.

dessa caminhada apagaram as linhas que circunscreviam o seu eu. O indivíduo e a natureza tornaram-se um, como também notou Starobinski²⁶.

Ainda que Rousseau não frequentasse os Salões de arte²⁷, ele descreve uma paisagem semelhante àquela descrita por Denis Diderot em *La Promenade Vernet*, inscrito no Salão de 1767. Trata-se em ambos de uma experiência estética na qual se vivencia uma atmosfera nova, um deslocamento espacial, uma reordenação da ordem ordinária das coisas; ou seja, de um espetáculo completamente novo que suspende o tempo e o espaço. É assim que o muito bom e o muito belo se manifestam na natureza e produzem em Saint-Preux o efeito de elevar-se a si mesmo acima das pequenas misérias cotidianas. À medida que Saint-Preux deixa a cidade conhecida, a “morada dos homens”, e se eleva até as grandiosas montanhas sua alma também se eleva acima dos vícios. Contemplando esses grandes objetos, preterindo os objetos ordinários, a alma se eleva e o indivíduo começa o movimento de afastar-se dos hábitos, dos preconceitos, dos costumes, das paixões.

Outra descrição do efeito forte causado pela natureza pode ser encontrada no quarto livro das *Confissões* em que, narrando uma viagem à Chambéry, Rousseau se depara com um grande abismo. Assim, não se trata das coisas ordinárias, mas de algo que está distante, é absolutamente novo e que produz um efeito forte no indivíduo. Nos dizeres de Rousseau:

Quanto ao resto, já sabem o que eu entendo por uma bela região. Nunca uma região plana, bela como fosse, me pareceu tal. São necessárias as torrentes, os rochedos, os abetos, bosques escuros, montanhas, caminhos escabrosos para subir e descer, ladeados de precipícios que me causam pavor. Tive esse prazer e gozei-o em todo seu encanto ao aproximar-me de Chambéry. Não longe duma montanha cortada, a quem chamam Pas de l'Échelle, abaixo da grande estrada talhada na

²⁶ O gozo puramente sensitivo coincide com um esquecimento de si, que, entretanto, não é incompatível com um sentimento de expansão. [...] Assim, o eu aliviado pelo esquecimento de seu destino torna-se capaz de uma expansão que pode exaltar-se até os últimos limites. A tenuidade da existência pessoal se converte bem misteriosamente em intensidade de prazer e em limpidez espacial. Tudo me atravessa, mas a tudo alcanço. Não sou mais nada, mas nego o espaço pois me tornei o espaço.” STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau a transparência e o obstáculo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 115.

²⁷ Segundo Bernadette Fort: “Contrariamente a seus contemporâneos e amigos iniciais, Diderot e Grimm, Rousseau não se interessava pelas exposições da Academia Real de Pintura, instituídas a partir de 1737, e não ofereceu nenhum comentário crítico. Ele morreu antes da ascensão das mulheres pintoras no Salão. Contudo, os problemas levantados aqui – o “pudor” das jovens meninas, a responsabilidade das autoridades civis e religiosas em seu “encorajamento”, a notoriedade que elas adquiriram no espaço público assim que se mostraram ali, o perigo da feminização da sociedade quando o domínio público se abriu para as mulheres – todas essas questões estão no coração do pensamento de Rousseau.” FORT, Bernadette. “Peinture et féminité chez Jean-Jacques Rousseau”. *Reveu d'Histoire littéraire de la France*. Nº2, 2004, p. 365, “tradução nossa”.

rocha, no lugar chamado Chailles, corre e borbulha, em terríveis gargantas, um pequeno rio que parece ter levado milhares de séculos para escavá-las. Ladearam a estrada com um parapeito para impedir desgraças: isso fez com que eu pudesse contemplar-lhe o fundo e ter vertigens à vontade; porque o que há de agradável em meu gosto pelos lugares escarpados é que me dão tonteiras; e adoro essa sensação, contanto que me sinta seguro.”²⁸

A descrição que Rousseau faz, por meio da personagem de Saint-Preux, sobre a natureza de Vevai, e esta descrição que ele mesmo faz sobre o efeito de estar em segurança contemplando a natureza selvagem e imensamente poderosa de Chambéry, antecipa, de certa forma, aquilo que Immanuel Kant descreverá minuciosamente sobre o efeito do sublime na natureza, no livro *Crítica da faculdade de julgar*²⁹.

Evidentemente, há diferenças entre os autores como, por exemplo, na terceira parte do romance, quando Saint-Preux está prestes a entrar em Paris, Júlia lhe escreve relembrando-o do método que ele mesmo formulara, na Carta XII a fim de que ele o considere como um guia moral na capital francesa. Júlia tem medo que múltiplas paixões façam Saint-Preux adquirir inúmeros vícios. A aluna espera que seu preceptor perceba que é chegada a hora de praticar as lições morais que ele lecionara, ela espera também que a alma de Saint-Preux tenha se elevado e ele possa ser grandioso como os heróis que contemplara.

Deixa, meu amigo, esses vãos moralistas e mergulha no fundo de tua alma; é lá que encontrarás sempre a origem desse fogo sagrado que nos inflamou tantas vezes com o amor das mais sublimes virtudes; é lá que verás essa imagem eterna do verdadeiro belo, cuja contemplação nos anima com um santo entusiasmo e que nossas paixões maculam continuamente sem nunca poder apagá-lo. Lembra-te das lágrimas deliciosas que escorriam de nossos olhos, das palpitações que sufocavam nossos corações agitados, dos transportes que nos elevavam acima de nós mesmos, à narração dessas vidas heroicas que tornam o vício indesculpável e são a honra da humanidade. Queres saber qual delas é realmente desejável, a fortuna ou a virtude? Pensa naquela que o coração prefere quando sua escolha é imparcial. Pensa onde nos leva o interesse ao ler a história. Pensaste alguma vez em desejar os tesouros

²⁸ ROUSSEAU, J.-J. *Confissões*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. p.168.

²⁹ Como, por exemplo, nesta passagem em que Kant diz: “Rochedos audaciosamente suspensos sobre nós e como que ameaçadores, nuvens carregadas acumulando-se no céu e avançando com relâmpagos e trovões, vulcões em sua violência inteiramente destrutiva, furacões com a devastação que deixam atrás de si, o oceano ilimitado tomado de fúria, a alta cachoeira de um rio poderoso etc. reduzem a nossa capacidade de resistir, comparada ao seu poder, a uma insignificante pequenez. Mas a visão que temos deles será tão mais atrativa, quanto mais temíveis eles forem, somente se nos encontrarmos em segurança; e com prazer nós denominamos esses objetos sublimes, pois eles elevam a força da alma acima de sua média habitual e permitem descobrir uma capacidade de resistir de um tipo inteiramente diverso, a qual nos dá coragem para comparar-nos à natureza todo-poderosa.” KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade de julgar*. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2019, p.158.

de Crespo, ou a glória de César, ou o poder de Nero, ou os prazeres de Heliogábalo? Por que, se eram felizes, teus desejos não te punham no lugar deles? É que não o eram e tu o sentias bem, é que eram vis e desprezíveis e que um mau feliz não atrai a inveja de ninguém. Que homens contemplavas então com maior prazer? Dos quais adoravas os exemplos? A quais terias mais desejado assemelhar-te? Encanto inconcebível da beleza que não perece! Era o Ateniense bebendo Cícuta, era Brutos morrendo por seu país, era Régulo em meio aos tormentos, era Catão despedaçando suas entranhas, eram todos esses virtuosos infelizes que te causavam inveja e sentias no fundo de teu coração a felicidade real que seus males aparentes recobriam. Não creias que esse sentimento seja apenas teu, ele é o de todos que os homens e frequentemente mesmo a despeito deles. Esse divino modelo que cada um de nós traz consigo encanta-nos apenas de tudo: logo que a paixão nos permite vê-lo, queremos nos assemelhar a ele e, se o pior dos homens pudesse ser outra pessoa, gostaria de ser um homem de bem.³⁰

Como observa Starobinski a linguagem primitiva da qual Rousseau se vale tem calor e entusiasmo³¹. Por diversas vezes o filósofo genebrino utiliza metáforas relacionadas ao fogo para descrever melhor os efeitos da virtude. Nesse sentido, para *Júlia*, no fundo da alma humana, quando esta volta-se a si mesma, encontra gravado um “fogo sagrado” que “inflama” e faz amar as mais “sublimes virtudes”; ou seja, existe no coração humano um amor pela virtude, forte como um fogo eterno que queima sem cessar e movimenta o indivíduo em direção às grandes ações. Nesta esfera da interioridade humana, junto ao amor pela virtude, está gravado o verdadeiro belo. Este belo gravado no coração humano é, por assim dizer, uma imagem que não se desvanece jamais. Ainda que as paixões humanas tentem macular essa efígie do belo ela nunca fenece, pois ainda que o indivíduo em sociedade seja arrastado pelas paixões, os diferentes contornos de uma bela e boa ação permanecem em seu coração como um guia moral.

No entanto, além destes princípios inatos, *Júlia* recorda Saint-Preux das leituras que faziam juntos da *Vidas dos homens ilustres* de Plutarco e como, à força de contemplar os exemplos desses heróis de outrora, eles se enterneciam. Os heróis de outrora descrito por Plutarco, tal como Sócrates, Brutos, Régulo e Catão triunfaram grandiosamente sobre

³⁰ROUSSEAU, J.-J. *Júlia, ou, A Nova Heloísa*. São Paulo: Editora de Humanismo, Ciência e tecnologia HUCITEC em coedição com a Universidade Estadual de Campinas UNICAMP, 1994, p. 203-4.

³¹ “O que Rousseau espera é um misto, composto de qualidades primitivas da linguagem (‘o fogo do entusiasmo’) aliadas às qualidades morais que são o produto de um longo esforço reflexivo (as ‘profundidades da sabedoria’ e ‘a constância da virtude’). A eloquência do legislador possui, em conjunto, todas essas características *calóricas* (‘calor’, ‘efervescência’) da linguagem passional da origem, e a estabilidade calma (a ‘constância’) que não pode ser adquirida senão pela maestria das paixões. [...] A linguagem de *Emílio*, como vimos, é ‘uma linguagem simples e pouco figurada’, mas o calor da linguagem primitiva não está perdido.” STAROBINSKI, Jean. *Accuser et Séduire. Essais sur Jean-Jacques Rousseau*. Paris : Gallimard, 2012, p.112, “tradução nossa”.

os vícios, por isso eles rendem à toda a humanidade exemplos do muito bom e do muito belo que, por meio de uma educação estética, se inscrevem e não fenecem do coração daquele que os contemplou, tornando o vício indesculpável e honrando todo o gênero humano. Além desses exemplos, Starobinski ressalta a figura de Cristo como um grande exemplo a ser imitado, para Rousseau³². Ao final do *Emílio ou da educação*, Rousseau diz algo parecido sobre os grandes heróis de outrora e sobre o amor ao belo:

Se não há nada de moral no coração do homem, de onde lhe vêm então os arroubos de admiração pelas grandes ações heroicas, os transportes de amor pelas grandes almas? O entusiasmo da virtude, que ligação tem ele com o nosso interesse privado? Por que preferiria eu ser Catão que rasga suas entranhas a ser César triunfante? Suprimi de nossos corações esse amor do belo e suprimireis todo o encanto da vida. Aquele cujas vis paixões abafaram na alma estreita esses sentimentos deliciosos, aquele que, de tanto se concentrar dentro de si mesmo, acaba só amando a si mesmo, já não tem arroubos, seu coração gelado já não palpita de alegria, um doce enternecimento nunca umedece seus olhos; ele já não goza de nada; o infeliz já não sente, já não vive; já está morto.³³

Segundo o filósofo, há algo de moral no coração humano, o amor ao belo e ao bom, que entenece quando se contempla grandes ações heroicas. Estes princípios morais, inatos, inflamam o coração sensível e inspiram uma admiração pelas grandes ações virtuosas em sociedade. Ainda que as paixões consigam “abafar” esses sentimentos inatos, elas não os conseguem destruir completamente. Entretanto, uma vez que esses sentimentos foram abafados nos corações dos indivíduos pelas paixões, seus corações não conseguem mais, de pronto, se enternecer com esses exemplos virtuosos. Nesse sentido, aquele que só ama a si mesmo e não consegue sacrificar suas paixões em prol do bem-estar social se torna insensível às belezas da virtude. Assim, de acordo com a *Profissão de fé do vigário saboiano*³⁴, se o indivíduo existe porque sente, logo, aquele que se torna

³² “O Cristo de Rousseau não é um mediador; é apenas um grande *exemplo*. Se é maior que Sócrates, não é por sua divindade, mas por sua mais corajosa humanidade. Em parte nenhuma a morte de Cristo aparece em sua dimensão teológica, como o ato do reparador que estaria no centro da história humana. A morte de Cristo é apenas o arquétipo admirável da morte do justo caluniado por todo o seu povo. Sócrates não morreu solitariamente; ao passo que a grandeza de Cristo lhe vem de sua solidão. [...] Mas a morte de Jesus é tão só o feito de uma alma heroica. Essa morte divina não acarreta consequências sobrenaturais”. STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau a transparência e o obstáculo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 98.

³³ ROUSSEAU, J.-J. *Emílio, ou, Da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p.406-7.

³⁴ “Devo, pois, voltar o olhar primeiro para mim, a fim de conhecer o instrumento de que me quero servir e saber até que ponto posso confiar em seu uso. Existo e tenho sentidos pelos quais sou afetado. Eis a minha primeira verdade. [...] Concebo, pois claramente que minha sensação, que é eu, e sua causa ou seu objeto, que é fora de mim, não são a mesma coisa.” ROUSSEAU, J.-J. *Emílio, ou, da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p.379.

insensível às belezas da moral, pois não sente mais seus efeitos, está, de certa forma, morto.

Como já nasce com o sentimento natural de piedade, o ser humano consegue se transportar para a situação de outro. Ao contemplar as ações virtuosas dos heróis, o ser humano é transportado à situação vivida por eles e percebe que também pode vencer as suas próprias paixões. Assim, os grandes heróis são ilustres por seus gestos e se tornam exemplos a serem seguidos, pois eles próprios, inflamados por esse amor ao belo e ao bom, conseguem sacrificar seus interesses privados, ligados ao amor-próprio e a própria conservação, para agir bem. Em uma palavra, os heróis são sublimes, pois se sacrificam até o limite em prol da sociedade. Por isso, o exemplo por excelência para Rousseau é Catão que, segundo o filósofo, rasga as suas próprias entranhas em prol da virtude e do bem-estar da sociedade.

Assim, podemos tirar as seguintes conclusões. Cego pelas paixões o indivíduo é capaz de cometer os maiores crimes. Para Rousseau, a paixão amorosa é a mais forte paixão humana³⁵. Logo, aquele que sabe reprimir sua paixão amorosa, sabe reprimir qualquer outra paixão. Então, é preciso dar ao povo lições morais sobre o amor. Nesse sentido, não bastava a Rousseau escrever um tratado sobre as paixões, como fizera René Descartes³⁶, era preciso escrever um romance. No segundo prefácio da *Nova Heloísa*, Rousseau diz: “Quando tentei falar aos homens, não me ouviram; talvez falando às crianças, far-me-ei ouvir melhor, e as crianças não apreciam mais a nua razão do que os remédios mal disfarçados.” (Rousseau, 1961, p.17; 1994, p. 30). Ou seja, não seria por meio de uma teoria abstrata que Rousseau instruiria a humanidade sobre como todos poderiam se tornar virtuosos, mas é por meio de exemplos vivos, isto é, de um romance que descreve, por meio da ação das personagens, todos os matizes de uma vida virtuosa. Nesse sentido, as cartas: XII e XXIII, da primeira parte, assim como a Carta XI, da segunda parte, são “remédios mal disfarçados”.

Diferentemente do tratado filosófico, o romance filosófico tem o poder de vivificar, de tornar presente, nas almas dos leitores as belezas morais e as dissertações filosóficas. Assim, ainda que o leitor tenha que suspender a pura fruição estética da leitura do romance, quando se depara com as dissertações filosóficas, a Carta XII da *Nova Heloísa* é absolutamente necessária para a estética rousseauniana. É esta carta que

³⁵ Cf. ROUSSEAU, J.-J. *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 79.

³⁶ Cf. DESCARTES, René. *As paixões da alma*.

proporciona as bases teóricas para que o leitor possa fruir dos objetos muito belos e muitos bons e das obras de arte, inclusive do próprio romance que tem em mãos. Entretanto, se o método de estudos de Saint-Preux na Carta XII tem como objetivo o conhecimento e passa a desdobrar os conceitos do belo e do bom, então, isto sugere que não há ainda uma separação entre os âmbitos do conhecimento, da estética e da moral para Rousseau. Para o filósofo, o gosto, as faculdades intelectuais e a moral devem ser cultivados juntos. O sábio, como já dizia Catão, detém conhecimento e rende exemplos muito belos e muito bons para seus concidadãos. Nesse sentido, por um lado, a estética que propõe Rousseau remonta à Antiguidade, na medida em que o belo ainda está ligado ao bom, ou seja, ainda não há autonomia estética no pensamento rousseauiano; por outro lado, a estética de Rousseau pode ser considerada moderna na medida em que os objetos muito belos não são assim classificados mediante um padrão estabelecido previamente pela tradição, mas segundo um juízo livre de gosto. É o espectador quem julga a natureza ou as obras de arte e emite um juízo estético. Pode-se dizer, portanto, que a concepção estética de Rousseau remonta à Antiguidade e, ao mesmo tempo, tem traços característicos da Modernidade.

Em seu romance, Rousseau não só une ética e estética para instruir a humanidade, mas, principalmente, a leitura de *Júlia ou a nova Heloísa*, vivifica no leitor por meio da figuração da vida das personagens, o amor pela beleza da virtude. Para se sentir o que é o bem e o belo é preciso voltar-se a si mesmo, mas para conhecer o muito belo e o muito bom é preciso que o indivíduo contemple objetos absolutamente novos, que ele compare a semelhança e a diferença entre eles para poder emitir um juízo de gosto. É por essa razão que, para Bernard Gagnebin a principal consequência da Carta XII é a distinção entre o belo e o bom e o muito belo e do muito bom³⁷. Nesse sentido, de um lado, parece estar a natureza que inscreve no coração humano o belo e o bom. E, de outro lado, parece estar a cultura que fornece obras em que o muito belo e o muito bom se manifestam e podem ser imitados; como, por exemplo, no livro *As vidas dos homens ilustres* ou ainda na *Nova Heloísa*. Deste modo, se no *Emílio* é fundamental para a formação do indivíduo sentir o amor do belo, na *Nova Heloísa* Rousseau desenvolve melhor sua concepção ética

³⁷ “Os aspectos mais originais do pensamento de Rousseau nesta carta parecem ser os seguintes:

1º O primado absoluto concedido à moral.

2º A distinção não entre o belo e o bom, mas o belo e o bom de uma parte e o *muito belo* ou o *muito bom* de outra parte.

3º A afirmação da necessidade e da dificuldade de encontrar os modelos, da importância concedida aos heróis, aos “grandes exemplos”. Esse antirracionalismo vigoroso anunciado nas *Cartas Morais*, na *Carta a d’Alembert* e na *Profissão de fé*.

GAGNEBIN, Bernard. *Notes et variantes in Rousseau Oeuvres Complètes*. t.II, p. 1374.

e estética ao afirmar a importância do cultivo da faculdade do gosto para discernir os objetos muito bons e muito belos.

À medida que a alma contempla o muito belo e o muito bom ela passa a se habituar gradativamente com exemplos cada vez mais grandiosos e aquilo que era tido, ilusoriamente, como muito belo no mundo se desvanece, passando a não mais ser suportado senão com um desgosto mortal. Nesse sentido, ao voltar-se a si mesmo para contemplar o belo e o bom inscritos em seus corações, ao cultivar o juízo de gosto, ao conhecer os objetos muito belos e bons e imitar os exemplos destes heróis, as personagens da *Nova Heloísa* conseguem vencer a paixão amorosa e, se sacrificando, conseguem se tornar cada vez mais virtuosas ao longo do romance. Júlia inicialmente no seio do vício se torna gradativamente virtuosa até que por fim é considerada não apenas uma heroína, mas uma divindade. Eis como Júlia rende à toda a humanidade um grande exemplo do muito bom e do muito belo que não fenecerá jamais.

Referências

Obras de Jean-Jacques Rousseau

ROUSSEAU, J-J. *Julie ou la Nouvelle Héloïse*, texte établi et annoté par B. Gagnebin et M. Raymond, Oeuvres Complètes (O.C.). Paris : Gallimard, « Bibliothèque de la Pléiade », t. II, 1961.

_____. *Júlia, ou, A Nova Heloísa*. São Paulo: Editora de Humanismo, Ciência e tecnologia HUCITEC em coedição com a Universidade Estadual de Campinas UNICAMP, 1994.

_____. *Emílio, ou, Da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

_____. *Discurso sobre as ciências e as artes*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. *Prefácio de Narciso*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. *Carta a d'Alembert sobre os espetáculos* Campinas, SP: Editora Unicamp, 2015.

_____. *Confissões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

Obras de Denis Diderot

DIDEROT, D. *Elogio a Richardson*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. *Ensaio sobre a pintura*. Campinas, SP: Papyrus: Editora da Universidade de Campinas, 1993.

_____. *O sobrinho de Rameau*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

Geral

- CASSIRER, E. *A questão Jean-Jacques Rousseau*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- DUFLO, Colas, *Les aventures de Sophie. La philosophie dans Le Roman au XVIII siècle*. Paris: CNRS Éditions, 2013.
- FORT, B. “Peinture et féminité chez Jean-Jacques Rousseau”. In: *Reveu d’Histoire littéraire de la France*. Nº2, 2004, p. 362-294.
- GILSON, E. *Heloísa & Abelardo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
- JAUSS, H. R. *Pour une herméneutique littéraire*, Paris: Éditions Gallimard, 1982.
- JOST, F. Richardson Rousseau et le roman épitolaire. In: *Cahiers de l’association internationale des études françaises*, 1977, nº 29, p. 173- 185.
- KANT, I. *Crítica da faculdade de julgar*. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2019.
- MALL, L. *Émile ou les figures de la fiction*. Oxford, The Voltaire Foundation : 2002.
- PLUTARCO. *As vidas dos homens ilustres*. Terceiro tomo. São Paulo: Editora das Américas, 1954.
- STAROBINSKI, J. *Jean-Jacques Rousseau a transparência e o obstáculo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Accuser et Séduire. Essais sur Jean-Jacques Rousseau*. Paris : Gallimard, 2012.

Recebido em: 07/04/2020

Aprovado em: 04/06/2020